Ao incluírem a arte em seus planejamentos, as escolas possibilitam uma educação flexível voltada para a qualidade e a significação de todo o processo educativo, direcionando aspectos e características que serão fundamentais para o aprendizado do educando e sua inserção no meio social.

Este artigo sugere que o educador pratique atividades que usem as linguagens da arte, tais como dança, música, teatro, desenho e pintura, não apenas como diversão, mas como uma possibilidade de promoção do ensino aprendizagem de maneira mais prazerosa, divertida e com significado. Essas atividades propiciam ao ambiente escolar uma harmonia entre o fazer pedagógico e a aprendizagem infantil pois organiza o processo de ensino e aprendizagem em uma rotina mais atraente e proveitosa para a criança. E é justamente isso que as crianças esperam da escola, um espaço envolvente onde possam extravasar suas emoções, curiosidades, alegrias e paixões.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando A. G. **Multiculturalidade e um Fragmento da História da Arte/Educação Especial**. In: BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e mudanças no Ensino da Arte. 3ª. Ed. São Paulo: Cortez. 2007. p. 92.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BARRETO, Sidirley de Jesus. **Psicomotricidade, educação e reeducação**. 2º ed. Blumenau: Livraria Acadêmica, 2000.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional**. Lei n° 9394/96, de 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Glades Elisa P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. 130 p.

KLEIMAN, A. B., MORAES, S. E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola (coleção Idéias sobre Linguagem)**. Campinas. Mercado das Letras, 1999.

LOMAKINE, Luciana "**Educação Física: Como planejar as aulas na Educação Básica**" (Cap. 3) – 2003

Ministério da educação e do desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, SEF/MEC, 1996.

MÖDINGER, Carlos Roberto (et al.). **Artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes**. Erechim: Edelbra, 2012.

Parâmetros curriculares nacionais. 2. Educação física: Ensino de primeira à quarta série. I. Título. 1997.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta Curricular para o ensino da educação artística**. São Paulo: SE/CENP, 1992.

Atuação docente na alfabetização escolar

Vanessa Braz Costa

RESUMO

As vias de acesso ao mundo da escrita foi um capítulo iniciado para discutirmos a reinvenção do processo de alfabetização destacando o futuro, olhando o passado educacional, até chegarmos à evolução da alfabetização através da linguagem. As taxas de analfabetismo foram iniciadas no capítulo três para que tivéssemos um parâmetro sobre a educação atual no país, buscando assim mostrar o histórico da população brasileira quanto à alfabetização, desvendando caminhos de preparação para seu desenvolvimento através das teorias de Emília Ferreiro e Vygotsky que defendem o pensamento através da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Sucesso. Letramento. Escola.

1. INTRODUÇÃO

Tomando a língua escrita em uma dimensão ampla e a sua aprendizagem como um processo complexo e multifacetado, pretendemos repensar concepções aprofundadas na compreensão dos processos de aprendizagem e também dos mecanismos condicionantes de sua evolução.

As diversas possibilidades de sutura entre conceitos e implicações pedagógicas, tendências de produção da escrita e diretriz didático-metodológicas, impasses e desafios no ensino à língua materna têm por objetivo ampliar a compreensão acerca do tema e alimentar a possibilidade de novas pesquisas na área.

A fim de explicitar e dar ênfase a este contexto, apresentamos nossa monografia sobre o tema "A construção da escrita e os caminhos para a alfabetização" onde procuramos mostrar a educação brasileira através do aparato de nomes como Emília Ferreiro, Vygotsky, Freire, entre outros, que como nós, não se cansam de pesquisar por soluções que elevem a alfabetização aos primórdios que ela realmente merece pois é a base de todo o nosso conhecimento.

Historicamente concepções restritas acerca da língua escrita têm sustentado práticas pedagógicas inconsequentes que, não raro, subestimam a complexidade dos processos de aprendizagem. Muitos projetos de ensino falham pela frágil articulação de seus meios e metas à compreensão dos condicionantes sócio- pedagógicos e dos processos cognitivos na conquista da língua escrita. Para além da aprendizagem do sistema notacional, a alfabetização merece ser tomada pela perspectiva da cultura escrita, um processo contínuo e multifacetado cuja compreensão está longe de se esgotar. Na busca de aprofundar o entendimento das relações entre a língua, a escrita, a educação, o ensino e a aprendizagem, o curso pretende repensar o escrever dentro e fora da escola, uma temática relevante que indiscutivelmente desafia educadores e pesquisadores da educação.

2. UMA VISÃO DO PASSADO PARA O FUTURO DA ALFABETIZAÇÃO

Quando nos mostramos decepcionados com os êxitos da alfabetização no presente, não estamos olhando para o passado nem para outras facetas de nosso mundo; estamos olhando para o futuro, para os nossos ideais. E, é claro, quando comparamos nosso mundo com nossos ideais, a conclusão é irrefutável: estamos muito longe de tê-los alcançado.

Há duas figuras históricas que encarnam os ideais sobre a alfabetização que podem ajudar-nos a entender nossas pretensões educativas. A primeira delas é Santo Ambrósio, Bispo de Milão na segunda metade do século IV. Santo Agostinho refere-se a ele em suas confissões, ressaltando o assombro que ele causava por ser capaz de ler utilizando unicamente o movimento dos olhos e prescindindo dos gestos articulatórios que acompanham a oralidade como era habitual na época. O segundo personagem é o filósofo mulçumano Averróis que oito séculos depois conquistou o respeito de várias gerações de estudiosos ocidentais por seu talento para apropriar-se dos textos de Aristóteles, naquela época pouco conhecidos e entendidos, motivo pelo qual recebeu o nome, de o comentador.

Tendo chegado aos nossos dias, o excepcional é que alguém não consiga reunir as duas competências encarnadas em personagens tão renovados. Quem iria dizer isso aos que os admiram? Desse modo aqueles que hoje não conseguem percorrer a página impressa à velocidade de um raio podem ser considerados incapazes e aqueles que não conseguem encarar a aprendizagem de novos conceitos por meio de leitura engrossam as fileiras do chamado fracasso escolar.

Naturalmente não queremos que pensem que estamos pondo em dúvida: a necessidade de estabelecer uma comparação entre o que somos e o que queremos ser, pois sem ela não teríamos um horizonte ao qual nos reportar.

Estamos querendo dizer apenas que esse modo de contemplar o fenômeno é insuficiente para enfrentar com lucidez esses problemas inegáveis que constatamos tão facilmente.

Em outras palavras precisamos de uma dupla comparação em que os êxitos do passado e com outros êxitos do presente e outro em que o contraste seja entre o presente e os nossos ideais. Ambas são necessárias e complementares. Talvez devêssemos repensar o que a alfabetização supõe.

2.1. A EVOLUÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO ATRAVÉS DA LÍNGUAGEM

Com o aparecimento da expressão letramento vemos que é um exemplo da eterna e irrefreável evolução da nossa língua. As novas palavras surgem para dar nomes a fenômenos ou para apontar novas clarezas de fenômenos pré existentes e também novas maneiras de compreensão.

A diferença entre alfabetização e letramento atribui a consideração ao acesso a um mundo da escrita bem como muito mais que a um processo de apenas aprender a ler e a escrever.

Faz-se necessário que na escola o educador esteja atento às crianças entre oito e nove anos de idade para problemas de leitura e de escrita pois nesta fase a troca de fonemas reflete algumas vezes numa deficiência de ordem linguística, na formação inicial da alfabetização e do letramento da criança. Sabe-se que muitas deficiên-

cias são encontradas na própria pedagogia. E é fato que muitos profissionais da educação tenham deficiência de formação. Portanto a má formação dos educadores é involuntária e com isso traz sérias consequências para o processo leitor do aluno.

Sabe-se que se ensinarmos a criança com cinco vogais, usando o sistema linguístico da Língua Portuguesa, será considerado este alicerce fraco demais, proporcionando ao aluno uma possível dislexia, portanto é necessário ensinar as 12 vogais. É preciso saber que vogais são os sons da fala e não apenas as letras.

As vogais são consideradas fonemas que são unidades sonoras das palavras e tem a ver com a leitura. As letras representantes das vogais ou sons da fala têm uma grande relação com a escrita porém a escrita não é o espelho da fala como é dito, não é necessariamente como se escreve.

Quando existe uma troca de letras constante é possível imaginar que exista uma deficiência na origem fonológica das informações linguísticas que faze uma diferença na habilidade Leco escritora da criança.

Os fonemas /d/ e/t/ são consoantes consideradas linguodentais. Sendo uma surda (/t) e a outra sonora (/d/). Os pais devem sempre prestar atenção quanto ao uso desses fonemas pelos filhos para perceberem se estão sendo articulados de maneira correta, de forma espontânea na fala de seus filhos ou nas leituras de textos escolares.

Podemos detectar se há deficiência fonológica através da pronúncia ou soletração de fonemas como /f/ e /v/ e as labiodentais /p/ e/b/. Os pais devem ter o hábito de usar em casa sempre gramáticas, no entanto as gramáticas muitas vezes não trazem os conteúdos profundamente e sim superficialmente.

É muito importante que os pais ou irmãos mais velhos ajudem a criança com distúrbio de aprendizagem como a dislexia a treinar os fonemas com o auxílio de uma gramática onde possam mostrar como são classificadas as palavras quanto ao modo da articulação.

Ao ensinar a criança deve se repetir várias vezes as palavras e pedir que a criança dislexa olhe o movimento labial que é feito para falar certos fonemas e em seguida pedir que a criança repita o fonema imitando a articulação labial feita, pode-se dizer que este sistema é antigo, mas o importante é o aprendizado, não importando ele como for.

A repetição é a mãe do conhecimento. Será a repetição que trará a consciência dos fonemas. Desta forma ajudará muito se os pais assim o fizerem para seus filhos. Uma vez que a família é extremamente responsável pelo sucesso acadêmico dos seus filhos e por isso os pais não devem ter qualquer receio de abrir uma gramática ou um dicionário escolar para ensinar a língua materna.

Os pais que se propõem a ensinar seus filhos mesmo não sendo pedagogos poderão dessa maneira auxiliar na formação leitora dos seus filhos.

2.2. O TRABALHO DOCENTE E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Observamos que no campo da formação de professores, tanto inicial como continuada, têm sido realizadas experiências sobre a importância de se trabalhar o prisma da prática pedagógica, valendo-se do resultado da própria experiência para, a partir da vivência, criar novas relações pedagógicas, visto que os relatos das histórias de vida dos professores servem de referência para se chegar à compreensão do processo de formação e do trabalho que se desenvolve em sala de aula.

Apontaremos algumas questões cujo entendimento consideramos de fundamental importância para se discutir a formação do professor na perspectiva de que se estabeleçam relações entre o pessoal e o social, o coletivo e o individual. É necessário, portanto considerar que:

- a formação do professor começa antes mesmo da sua incursão acadêmica e prossegue por toda a sua atividade profissional, devendo os estudos aliarem-se às experiências;

- As atividades acadêmicas e profissionais dos docentes devem estar vinculadas às suas experiências pessoais no sentido de considerar valores e atitudes em relação à profissão e à educação em geral;

- Deve-se analisar a tensão existente no interior da profissão relativa à profissionalização e depreciação da categoria, considerando que uma análise mais próxima da realidade tem mostrado existir um movimento tanto em direção à proletarização do profissional quanto em relação à sua desprofissionalização, fatores que não se excluem e mostram-se com maior força ou intensidade em momentos diferentes da história educacional dos diferentes países.

3. O PROFESSOR FRENTE AO APRENDIZADO ESCOLAR

Atualmente crianças chegam à escola para ler mas o que os professores fazem é ensinar escrever para depois ler.

Para definir a leitura é preciso transformar, compreender e julgar.

Isso ocorre quando se converte linguagem escrita em linguagem oral. Sua eficácia ocorre quando se dá sentido ao conteúdo da mensagem. E o item C é a habilidade do leitor analisar o valor da mensagem no contexto social.

O enfoque da Psicolinguística, ramo concorrente da Psicologia Cognitiva e da Linguística Aplicada, julgam a capacidade de ler tarefa árdua, compreendendo nela diversos processos e níveis cognitivo-linguísticos, os quais começam com a captura visual e seu fim se dá na decodificação do mesmo e sua compreensão. Cito desta forma meios básicos e elevados da capacidade leitora. Os primeiros denominados de nível inferior tendo por fim reconhecer e compreender as palavras. Os segundos acima citados objetivam a compreensão de textos. Ambos funcionam para o ensino de Português e da leitura pois trabalham com a forma interativa ou interdependente.

Nas primeiras etapas da aprendizagem da leitura se faz mister o processo básico. Tendo em vista evitar deficiências sobretudo até a quarta série, pois se houver neste caminho alguma dificuldade neste sentido, será comprometedor nos processos superiores de compreensão leitora.

Processos perceptivos e processos lexicais ocorrem através da decodificação. Os processos perceptivos referem-se à percepção visual. Esta disponibiliza a compreensão acerca de coisas, lugares e eventos do mundo visível. Logo esse entendimento está atrelado à ideia de memorização de longo prazo e à cognição.

A falta da leitura na escola faz com que os alunos não façam uma leitura compreensiva na hora de prestar um concurso ou um vestibular. Sua leitura torna-se superficial e fragmentada das questões lidas e isso explica os inúmeros erros na escolha das questões ou alternativas corretas, tornando suas respostas dissociadas do contexto da questão e escolha de afirmações contraditórias e excludentes.

É imprescindível ao exercício docente consistente e consequente como o que se busca objetivar na escola fundamental pública. É necessário que se faça pesquisas para que haja melhorias da prática pedagógica. Este processo, no entanto, está embutido, integrado na teoria.

Os professores para atingirem sucesso na aprendizagem devem refletir sobre o ensino e a sua prática pedagógica. Este enriquecimento do pensar se dá também através de leitura.

Essa prática pedagógica dos docentes refere-se no pensar certo, envolvendo o dinamismo do pensar e fazer. Por isso é fundamental que na prática o educando comungue com o professor.

A partir da prática de motivação de pensar e repensar devemos desenvolver sua análise e percepção crítica, bem como fazer e sobretudo para o refazer. O objetivo é se construir conhecimento para estimular a capacidade de se construir um entrelaçando entre o ler e o escrever a própria prática refletida.

O ler proporciona o aluno a fazer paralelos e argumentar. Está além da teoria.

A partir do trabalho do educador é que se estabelecem as linhas seguintes deste trabalho, a pesquisa e a metodologia de trabalho, podendo ainda afirmar a necessidade da reestruturação do trabalho dos docentes.

É preciso criar e incentivar estratégias para produção de conhecimento. Envolvo, portanto, o interesse de ler (estudo e pesquisa) e de escrever como um processo de formação continuada para professores do Ensino Básico.

É de muita necessidade que a formação do professor seja adequada. Seja ele reflexivo e possa assim lidar dentro de sua escola e com seus alunos.

É preciso criar na licenciatura, uma ideia de responsabilidade colaborativa quanto à qualidade da formação docente.

Havendo uma vontade e uma disposição para se ler, há também uma possibilidade de se chegar a uma capacidade de se aprender a ler.

A partir de pesquisas realizadas foi possível observar que crianças com 4 anos e que estão na 4ª série do ensino fundamental ainda são analfabetas e foi de uma queda progressiva nos padrões de rendimento escolar.

Precisamos urgentemente que sejam implantadas soluções estruturais que incidam no processo educacional por parte dos governos federal, estadual e municipais e mais o setor privado em caráter de urgência.

Inicialmente, são soluções de natureza político-educacional. No entanto há fatores escolares, pedagógicos e psicopedagógicos no entorno escolar, diríamos, em outras palavras, fatores de natureza didático-pedagógica (professor, aluno e conteúdos), que também têm peso no desempenho dos alunos e uma escola comprometida com seus alunos e com a família desses alunos e mais solidária ao esforço educador do poder público apesar de condições adversas pode fazer diferença.

2.2. O PROFESSOR NO LETRAMENTO DOS ALUNOS

A chegada da palavra letramento é apenas mais um exemplo dessa irrefreável evolução da língua, reflexo do desenvolvimento e do aprofundamento do saber. Essa palavra surge como muitas outras já surgiram e muitas outras vêm surgindo na área da educação e do ensino, não propriamente para nomear novo fenômeno mas para designar uma nova percepção, uma nova compreensão de um processo que em si não é novo: o processo de aprendizagem da escrita.

A palavra alfabetização sempre teve o sentido, ou melhor, um significado conceitual na área da educação: o processo de ensinar e ou aprender o sistema da escrita. Enquanto o problema social e educacional maior era que na escola, jovens e adultos analfabetos aprendessem a ler e a escrever tornando-se alfabetizados.

A palavra alfabetização e o conceito que lhe era atribuído, processo pelas quais essas aprendizagens ocorreriam, foram satisfatórios, tanto para leigos quanto para profissionais do ensino e da educação. Paulo Freire (1975, pág.104) protestava contra a alfabetização puramente mecânica e advogava uma alfabetização direta e realmente ligada à democratização da cultura.

Alfabetização é entendida como um processo de ensinar a aprender a ler e escrever onde alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever.

A alfabetização não pode ser reduzida a uma tecnologia ou técnica de leitura e de escrita. Ser uma pessoa letrada não significa ser alfabetizada no sentido que Paulo Freire dava ao termo.

O termo alfabetização não perdeu sua força significativa diante da emergência dos novos usos da língua escrita como argumentam alguns. Nem o termo inglês Literacy - Letramento traduz as práticas que envolvem a leitura e a escrita.

O termo letramento tem sido utilizado atualmente por alguns estudiosos para designar o processo de desenvolvimento das habilidades da leitura e da escrita nas práticas profissionais e sociais.

O surgimento deste termo segundo alguns autores está na demanda da sociedade, cada vez mais centrada na escrita, que exige adaptabilidade às transformações que ocorrem em ritmo acelerado, atualização constante, flexibilidade e mobilidade para ocupar novos postos de trabalho.

Emília Ferreiro (2003) nega-se a aceitar esse retrocesso conceitual. Ao invés de se curvar a esse novo anglicismo, ela traduz Literacy por cultura escrita e não pro letramento.

Porém não se trata somente de um retrocesso conceitual, trata-se, lamentavelmente da tentativa de esvaziar o caráter político da educação e da alfabetização uma armadilha na qual muitos educadores ,hoje estão caindo, atraídos por uma argumentação que à primeira vista parece consciente.

Logo não se trata apenas de palavras, de brigar por terminologias. Trata-se de uma posição ideológica que busca negar toda a tradição freireana. A distinção entre alfabetização e letramento obriga a considerar o acesso ao mundo da escrita muito mais que um processo de apenas aprender a ler e a escrever.

Uma criança é considerada dislexa quando encontra uma grande dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita. Essas dificuldades observadas na leitura e na escrita vêm a partir de mal resultados em testes e leituras propostas pelo professor.

Muito diferente do que era pensado anteriormente o processo de conquista da leitura e da escrita não se dá somente na escola pois o ambiente escolar atua somente como um processo organização de letramento sendo que o letramento deve iniciar no ambiente familiar e também na comunidade que a criança conviva.

Diante disso sabe-se como é importante que a criança seja estimulada diariamente para que a mesma sinta-se motivada para entrar no universo das palavras.

Sabemos que a alfabetização é o processo que constrói hipóteses para o funcionamento do sistema alfabético da escrita. Para um bom aprendizado da leitura e da escrita dos alunos é necessário que os mesmos participem de situações que os coloquem em uma necessidade para refletir onde transformem informações em conhecimentos próprios e possam enfrentar grandes desafios.

Nos dias de hoje pesquisadores estão investigando a psicolinguística aplicada à educação escolar para apresentarem hipóteses que justifiquem o aparecimento de dislexos com confusão espacial e articulatória.

Para definir a leitura é preciso transformar, compreender e julgar. Isso ocorre quando se converte linguagem escrita em linguagem oral. Sua eficácia ocorre quando se dá sentido ao conteúdo da mensagem.

O enfoque da Psicolinguística, ramo concorrente da Psicologia Cognitiva e da Linguística Aplicada, julga a capacidade de ler tarefa árdua, compreendendo nela diversos processos e níveis cognitivo-linguísticos, os quais começam com a captura visual e seu fim se dá na decodificação do mesmo e sua compreensão. Cito desta forma meios básicos e elevados da capacidade leitora. Os primeiros denominados de nível inferior, tendo por fim reconhecer e compreender as palavras. Os segundos objetivam a compreensão de textos. Ambos funcionam para o ensino de Português e da leitura pois trabalham com a forma interativa ou interdependente.

Nas primeiras etapas da aprendizagem da leitura se faz mister o processo básico. Tendo em vista evitar deficiências, sobretudo até a quarta série, pois se houver neste caminho alguma dificuldade neste sentido, será comprometedor nos processos superiores de compreensão leitora.

Processos perceptivos e processos lexicais ocorrem através da decodificação. Os processos perceptivos referem-se à percepção visual.

Esta disponibiliza a compreensão acerca de coisas, lugares e eventos do mundo visível. Logo esse entendimento está atrelado à ideia de memorização de longo prazo e à cognição. É através dessa consciência que vai se construindo um leitor, especialmente através da sua percepção visual. Aprendemos a ler com o poder do olhar.

Ao nos embrenharmos na leitura estabilizamos primeiramente nosso olhar nos símbolos impressos, isto é, nas palavras e nas menores unidades contrativas num sistema de escrita. Ademais precisamos ler o que vem implícito nas linhas, ou seja, as entrelinhas. O que não está explícito no texto.

As escolas ainda não respondem de forma eficaz a dificuldade de trabalhar com os alunos com cuidados especiais como, por exemplo, os disléxicos.

Muitas famílias reclamam das dificuldades que seus filhos possuem em relação à linguagem dos seus filhos pois somente com a agilidade com na leitura e na escrita as crianças serão capazes de dominar suas dificuldades de aprendizagem relacionadas à linguagem.

Por esse motivo a relação entre a escola, comunidade e outras organizações educacionais são tão importantes para se estabelecer esse diálogo com a comunidade estudantil.

Sabendo que a escola é um sistema aberto é importante que saibamos que a escola recebe informações para elaborar diagnósticos onde reveem seus planos de trabalhos para o devido aperfeiçoamento dos seus resultados.

Se houvesse um trabalho interdisciplinar nas escolas os problemas de leitura e escrita poderia ter um retorno melhor em seu meio com a ajuda de profissionais da medicina como psicólogos e fonoaudiólogos mas com soluções endógenas, advindas do próprio ambiente escolar.

O professor deve ser o principal agente do processo de educar, deve ser o mais aplicado e mais qualificado nas questões que se referem a pedagogia da escrita pois um trabalho mais consciente da escola, ou seja, as trocas de letras, tornam a persistir por toda sua vida escolar. Em alguns casos, claro, com menos frequência.

CONCLUSÃO

Com a nova sociedade que vem sendo criada gera-se uma imensa transformação nas relações referente a produções e ao poder onde se resultam em uma mudança na forma de se perceber a forma, o tempo e o espaço de uma nova cultura.

Com isso a grande desigualdade entre as relações humanas torna-se um dos grandes fatores que contribuem para o fim do comportamento humano.

Nos últimos anos a violência é um assunto muito discutido por todos devido ter se tornado um problema frequente em todos os lugares e principalmente nas escolas.

A televisão atual não educa mais e sim apresenta programas com brincadeiras de mau gosto e desrespeitosas em que os indivíduos são usados como objeto sarcástico.

Para se conseguir sucesso na aprendizagem, a atividade docente deve refletir sobre o ensino e a sua prática pedagógica. As reflexões são possíveis de serem obtidas a partir das leituras feitas para delas haver suporte para a pesquisa que reorienta a prática. Esta realimenta e en-